

Pra Frente Brasil

Ditadura militar, identidade e Copa de 70

Camila Konrath Pereira

RESUMO

A partir da leitura do filme Pra Frente Brasil e O ano em que meus pais saíram de férias, o presente artigo busca estabelecer uma análise sobre o futebol e a ditadura militar durante a Copa do Mundo de 1970. O objetivo é investigar o período violento do regime e o quanto foi encoberto naquela época, além de entender o papel político e social do futebol na coletividade. As questões que coloco são as seguintes: Como ocorre a construção da relação entre pátria, governo e futebol durante a Copa de 70? Qual a realidade construída pelos filmes analisados? Qual o papel do futebol na construção da identidade brasileira?

Palavras-chave: *Pra Frente Brasil; identidade; ditadura militar; Médici; Copa do Mundo.*

ABSTRACT

From Pra frente Brasil and O ano em que meus pais saíram de férias film's reading, the current article seeks to establish an analysis on football and the military dictatorship during 1970's World Cup. The purpose is to investigate the regime violent period and how much was covered at that time, besides understanding football's social and political role in the collectivity. The matters I pose are: How occurs the construction of the relationship between homeland, government and football during 1970's World Cup? What is the reality constructed by the films analyzed? Which is the football role in brazilian identity construction?

Keywords: *Pra frente Brazil; identity; military dictatorship; Médici; World Cup.*

INTRODUÇÃO

O tema histórico da ditadura militar continua sendo alvo de análise e reflexão por ter bordado marcas e controvérsias nos vinte anos de sua existência. Herdamos um mal estar por excesso de memórias, imagens e registros de desrespeito aos seres humanos. As perguntas não respondidas ainda atormentam a população e causam angústia naqueles que gostariam de justiça e reparação e as que gostariam de entender algo que não viram no famigerado período do regime militar.

Entre ações veladas e táticas de desenvolvimento, o governo militar conquistou a aprovação de muita gente que inclusive o apoiava e sentia os avanços na segurança e no crescimento econômico. Uma parte, porém, sentiu-se vítima de cerceamento e lutou contra isso, sendo taxada pelos governistas de terroristas. Esta parcela da população é especialmente abordada nesta análise. O presente artigo busca resgatar o cenário político de 1970, que buscou aliar sua imagem à seleção brasileira como tática de aprovação e também fazer a construção do resgate da memória através da análise de dois filmes que tratam do tema. *Pra frente Brasil*, de Roberto Farias e *O ano em que meus pais saíram de férias*, de Cão Hamburger, são filmes que tratam do regime militar durante a Copa do Mundo de futebol do México por diferentes óticas e nuances. *Pra frente Brasil* trata do regime de forma bastante explícita, com foco nas torturas feitas contra os rebeldes chamados de comunistas ou terroristas. Diferente deste, *O ano em que meus pais saíram de férias* procura a reflexão disponibilizando sugestões do ocorrido para que o espectador tire as conclusões. Porém, ambos os filmes tratam das dificuldades enfrentadas pelos personagens durante o regime militar, usando como pano de fundo a Copa do Mundo de 1970, quando o Brasil sagrou-se tricampeão. O fechamento é a análise da relação da identidade brasileira com o futebol e o que é feito dessa associação; mitos monstros e méritos.

O cenário

Brasil, 1970, Copa do México: a seleção de futebol mais apoteótica de todos os tempos está formada. Pelé comanda o cenário com maestria, juntamente com um elenco de primeira. A seleção brasileira de futebol torna-se símbolo de um governo eficiente e de altos índices de crescimento econômico aos olhos dos desavisados no país.

As camisas amarelas e as fardas harmonizam-se estranhamente na atmosfera recém-nascida. A ditadura militar, comandada no período de outubro de 1969 a março de 1974, por Emílio Garrastazú Médici, encontra, assim, sua positividade aliando o governo ao futebol. Capítulo de um só significado: um país campeão. A definição estende-se também à figura de Pelé, protagonista da primeira Copa do Mundo televisionada.

A repressão diária não estampava os jornais, mas residia na redação, cerceando as notícias negativas para o governo. O número de adeptos ao regime militar e seu desenvolvimento no Brasil era ressaltado, principalmente, pelo aumento da segurança e dados indicando próspera economia. Dançando no ritmo da memorável frase criada pela publicidade governista, "Brasil: ame-o ou deixe-o", o governo brasileiro costurava sua imagem ao sucesso do futebol, prevendo todo potencial do plantel que venceria a Copa do mundo do México naquele ano.

O investimento do governo na seleção canarinho mostrou-se forte. Um fato notório é que, contrariando todas as expectativas, a CBD¹ contrata João Saldanha como técnico do Brasil. Comentarista esportivo popular e de grande prestígio, João Saldanha era famoso por seu "gênio esquentado" e por ser militante do Partido Comunista Brasileiro (PCB). Estava formada a estratégia: qualquer erro cometido na Copa já teria um responsável a ser "crucificado", explica Aquino:

"Como explicar que, na época mais repressora da ditadura militar, fosse convidado um indivíduo conhecido por seu posicionamento comunista? Essa escolha torna-se compreensível se levarmos em conta que a CBD vinha sendo alvo de críticas contundentes." (AQUINO, 2002, pág.90)

1. Confederação Brasileira de Desportos foi a entidade brasileira responsável pela organização de todo esporte no país, hoje a chamada CBF.

Acontece que sua cadeira na seleção não chegou à data do grande evento esportivo. Conta-se até hoje que o motivo foi a negativa de Saldanha à sugestão de Médici pela convocação do jogador Dario, o Dadá Maravilha, como ficou conhecido. Ao ser perguntado da situação, Saldanha respondeu: “Vamos fazer um acordo. Eu não escalo o seu ministério e o senhor não se mete com a minha seleção”. Médici tira o técnico de campo. Sai João Saldanha e entra no comando da equipe de Pelé, Mário Jorge Lobo Zagallo. As influências do militarismo invadiam as quatro linhas do campo e ali seria construída sua imagem.

Ganha destaque nessa época o trabalho da AERP, órgão de relações públicas do governo que serviu para construir a oportuna venda nos olhos dos brasileiros para tudo que acontecia de errado e criminoso no país, friamente executado pelo governo. O momento era propício para o atrelamento dos conceitos pátria, futebol e governo. A seleção brasileira estava composta de bons jogadores, com potencial para ganhar o campeonato que iniciaria logo mais, naquele ano de 1970. Era a chance do tricampeonato, a chance para Médici obter uma tremenda taxa de aprovação. A nação é o Brasil, o Brasil é futebol, o futebol simboliza o governo: o governo é vencedor.

Dentro de um cenário de repressões, censuras e controle das mídias, pouco se sabia sobre as torturas realizadas com o aval, ou melhor, com o comando do militarismo. Os “anos de chumbo” ganhavam uma cortina blindada através da publicidade enganosa de crescimento econômico e país de sucesso criada pelo governo. Imagem essa, atrelada à seleção brasileira de futebol, que vivia sua grande fase.

Ditadura no cinema

Pra frente Brasil, filme de Roberto Farias, lançado em 1982, forma o retrato das coisas que não podemos e nos recusamos a esquecer sobre a ditadura brasileira: os sequestros efetuados pelo governo para exterminar possíveis movimentos subversivos e/ou comunistas. O filme adota uma lógica em que nos mostra a impressão explícita da realidade. A primeira cena de *Pra frente Brasil* caracteriza a violência imposta por um grupo de torturadores operantes à margem

do Estado através de Jofre (Reginaldo Faria), pacato trabalhador brasileiro que, ao desembarcar no aeroporto Galeão, pega uma carona com um desconhecido no táxi. O veículo é perseguido, e Jofre, sem saber a razão, é sequestrado. A chegada no cativado é marcada por torturas e questionamentos a respeito do sujeito que o acompanhava, morto pelos sequestradores ainda no táxi. Jofre percebe o mal entendido e diz ter sido confundido por estar junto com um homem que se apresentou como Sarmiento, e que apenas tinha lhe oferecido carona. Porém, para os opressores, ele não passa de mais um comunista que não quer entregar seus comparsas. Como pano de fundo, estamos em vias de Copa do Mundo no México, evento que distrai a população reprimida e permeia a atmosfera tensa da família em busca de Jofre, este desaparecido exatamente no dia de início do campeonato e levado, de capuz, ao interrogatório.

O ano em que meus pais saíram de Férias, igualmente brasileiro, dirigido por Cao Hamburger, trata do regime ditatorial durante a Copa do Mundo de forma mais amena. O filme tem como protagonista e narrador um menino chamado Mauro (Michel Joelsas), que gosta muito de futebol e futebol de botão. Construída sob a ótica do garoto, a narrativa trata da situação de Mauro após ficar longe de seus pais, sob a alegação dos próprios de que sairão em férias. A realidade escondida pela inocência do menino é que seus pais são militantes de esquerda e precisam fugir porque estão sendo perseguidos pela ditadura militar. O filme sugere o acontecido a partir da viagem súbita e também de cenas ao longo da trama. Percebemos a violência do regime quando aparece a sala vazia com um telefone tocando incessantemente sem ser atendido e em outra tomada igual, vista da janela, na qual o aparelho toca novamente na sala, mas já com a mobília completamente revirada. A sugestão dos acontecimentos acontece de pouco em pouco. O fato de os pais não aparecerem logo e nem ligarem vez alguma, também confirma a fuga.

Em *Pra frente Brasil*, a trama ganha novas vítimas: Miguel, irmão de Jofre, e Marta, esposa, cidadãos pacatos que, até certa altura, apoiavam o governo do General Médici por acreditar na ilusão do Brasil Grande, passam a questioná-lo. Logo após o sumiço de Jofre, a polícia procura sua esposa dizendo que ele está intimado a depor por envolvimento com a morte no táxi em que

estava presente. Os dois, ingênuos, acionam a polícia para procurá-lo e notam que as informações dadas não fecham com as notícias paralelas. Miguel desconfia das autoridades e, junto com Marta, começa a investigar o caso e pedir ajuda a pessoas influentes.

Em *O ano em que meus pais saíram de férias*, o menino protagonista se vê sozinho no apartamento do recém falecido avô e é acolhido por Shlomo, um velho homem judeu, vizinho de porta. Entre esperas por uma ligação de seus pais e algumas visitas, Mauro começa a conhecer a nova vizinhança do bairro Bom Retiro. Integrado a imigrantes judeus, italianos, nordestinos e toda a diversidade de origens que o bairro abrigara na década de 1960, Mauro começa a circular pelo bairro e jogar futebol com os novos amigos. O tempo vai passando e seus pais não voltam para o início da Copa do Mundo, como prometido. Seu olhar enviesado, dono de uma visão parcial da realidade, estanca o sofrimento, mas relata a falta que os pais fazem para o garoto. A cena inicial de Mauro jogando futebol de botão com seu pai estabelece a relação que a goleira do futebol de botão esquecida em casa tem com o passado e seus pais, mostrando Mauro num momento de solidão notando, com tristeza, a falta do objeto.

Em ambos os filmes, é possível notar a falta de envolvimento político dos personagens durante a narrativa, onde a estética concede o papel de vítimas aos protagonistas. No filme de Roberto Farias, Miguel e Jofre são irmãos, cidadãos não-questionadores da realidade política e que trabalham na mesma empresa onde um colega deles é sobrinho de general do exército. Após o sumiço de Jofre, seu irmão pede ajuda ao colega para saber de seu paradeiro. O colega, por sua vez, não usa o benefício do tio para não se envolver no assunto, mesmo após insistentes pedidos de Miguel. A esposa de Jofre, Marta, só acorda para a realidade política do país após o desaparecimento. Marta, que até então utilizava a frase “só quero saber do meu marido”, abre os olhos para a realidade política do país. A tranqüilidade de um mundo nada ameaçador – ruim somente para os subversivos – dá lugar a outro, cruel e obscuro, a partir dos indícios de que Jofre teria sido sequestrado pela própria polícia. O cenário sem confusão de Cao transmite a agonia do menino Mauro e de Shlomo, também vítimas da realidade construída na narrativa.

A importância dada ao futebol aparece em *Pra frente Brasil* como um elemento circunstancial. É por causa do futebol que o início de um novo interrogatório a Jofre é interrompido. A Copa do Mundo está acontecendo e o Brasil vai jogar. Qualquer tarefa, mesmo de alta relevância, pode esperar os noventa minutos de um jogo que simboliza o sucesso ou derrota da pátria verde e amarela, conforme analisaremos posteriormente. Em *O ano em que meus pais saíram de férias* a Copa do Mundo serve como marco da solução dos problemas de Mauro: o retorno do país (que não acontece). O envolvimento do garoto com a vizinhança é facilitado com o megaevento esportivo, onde ao longo dele, percebe-se distanciamento da possibilidade de ver os pais. Essa dicotomia é acentuada pelo gosto do garoto por futebol, apesar de não ser criada associação do futebol como algo negativo. Nesse caso, o torneio representa esperança e alegria em dias difíceis.

Filme homônimo da música de Miguel Gustavo, *Pra frente Brasil*, tocada inúmeras vezes nos rádios brasileiros e traço forte da publicidade do governo Médici, é um dos primeiros filmes a tratar sobre ditadura militar de forma aberta no país. Inclusive, o filme não foi liberado inicialmente para lançamento. Apesar de o diretor ter sido presidente da Embrafilmes no auge da ditadura militar, em declaração publicada pelo Jornal do Brasil, em seis de abril de 1982, após o veto, Roberto Farias defende o longa-metragem: "Penso que um país que caminha para a democracia, firmemente conduzido pelo Presidente Figueiredo, que reiterou diversas vezes essa intenção, não deve temer o filme. *Pra Frente Brasil* não é um incitamento à derrubada da ordem vigente, pelo contrário. É um filme contra a violência, e acredito que todos os brasileiros sejam contra a violência. Somente por essa razão é que se caminha para uma democracia"².

A liberação do filme se deu em fevereiro de 1983. E não foi somente uma conquista do cinema, mas de toda sociedade civil, que no ano de 1982, ao poder eleger governadores em eleições diretas, acreditava estar próxima de uma

2. Entrevista extraída do Jornal do Brasil de 5 de abril de 1982, também disponível em <http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=26380>

democracia possível. Mal sabiam os brasileiros que isso demoraria tanto mais a acontecer.

O diretor de *O ano em que meus pais saíram de férias*, Cao Hamburger, analisa seu filme como uma história sem muitas perspectivas, mas trabalhada para que se permitisse o tempo das emoções ao espectador e fosse uma história bem contada. A ótica do filme foi construída a partir da mesma que o autor tinha em 1970: a de uma criança. Apesar do cenário histórico do Tricampeonato da Copa de 70 e do regime militar brasileiro, o filme utiliza esses elementos apenas como pano de fundo para o que o menino Mauro precisa enfrentar após a fuga de seus pais.

Enquanto o filme de Cao aborda o tema ditadura de forma sutil e misteriosa, levando quem o assiste às conclusões com o tempo e proporcionando, dessa forma, maior reflexão e deduções, *Pra Frente Brasil* escancara os obturadores para o explícito: é um filme simples e direto, tampouco chama reflexão. Mas chama atenção para as torturas nos “anos de chumbo” vividos durante o governo Médici. Mostra que o despertar para os acontecimentos pode acontecer repentinamente. Assemelha-se a uma espécie de documento do que não podemos esquecer sobre a ditadura, uma denúncia. Através das cenas de tortura, o filme se adéqua a um conceito de Ismail Xavier, que propõe uma análise estética do cinema onde pensamos a impressão da realidade no momento em que a vida se transforma na teatralização da experiência, expondo o que seria privado. Para isso, ele fala de como o cinema se apropriou do ideal cênico para colocar o espectador no papel da quarta parede, como observador do que não é revelado, entre a descoberta e o que é objeto de desejo. Tais cenas de tortura são elementos de observação no contexto de *Pra Frente Brasil*.

Identidade

Como citado anteriormente e representado em *Pra frente Brasil* e *O ano em que meus pais saíram de férias*, a Copa do Mundo paralisa atividades para que o brasileiro se encontre como um vencedor após os 90 minutos, abandone o posto

de crítico voraz e denunciante dos acontecimentos negativos da sociedade e abra as portas da percepção para o que de bom conquistamos e acontece por aqui. Em ambos os filmes, o futebol serve como motivador ou consolo para as agruras dos personagens, nunca um martírio ou instrumento de procrastinação. Assim, como DaMatta aborda, “há, sem nenhuma dúvida, um temor que o povo leia a excelência futebolística como um drinque e, por ele embriagado, nada faça para mudar o sistema e o Brasil”. A partir desse prévio conceito, DaMatta desmitifica ressaltando que a identificação do brasileiro com o esporte é exatamente contrária às afirmativas de que o futebol seria uma espécie do tão falado “ópio do povo”. Não sustenta que a importância do futebol esteja atrelada ao esquecimento das mazelas cotidianas. A prática esportiva é colocada sob uma ótica de que a experiência com a vitória proporciona novas expectativas na volta à labuta diária. Permite que pensemos em sermos vencedores em outros âmbitos, e não somente no futebol. A auto-estima ganha com a identificação de nação vencedora pelo futebol é alicerce para a solução dos problemas sociais. Sem a qual, dificilmente algum problema chegaria perto de ser solucionado. É possível pensar no futebol como um instrumento que influencie positivamente as nossas ações políticas com relação a ele e, sobretudo, torná-lo um reator político.

O Brasil definido como país do futebol, não é um dado natural. Se fôssemos por essa análise concluiríamos facilmente que a Inglaterra levaria tal definição por ser sede do surgimento do esporte. É importante percebermos, então, que a identidade não é somente criada por dados históricos, mas também por discurso repetitivo. A consolidação de um discurso acontece pela materialização dele e a imprensa tem um papel fundamental nessa prática. A popularização das transmissões de televisão e a imprensa como informante e formadora de opinião tiveram papel fundamental na construção da identidade nacional. A partir desta construção e divulgação da mesma, uma ideia de identidade pode ser divulgada e absorvida por aqueles que ainda não formaram a mesma percepção.

A identidade está amparada por um sistema de práticas e símbolos que operamos em contextos específicos. No carnaval, no samba e no futebol, nos identificamos e inundamos o nosso imaginário com esses símbolos que nos

diferenciam como nação. Os mesmos símbolos de alegria e descontração que nos alegam, em outros momentos nos incomodam por não sermos levados a sério dessa maneira. Eis o contexto internacional e a ideia que projetamos de nós mesmos para o exterior. E mesmo que a definição da identidade seja uma mera generalização e repetição de discurso, não expressando o que todos os brasileiros gostam/são, ainda estamos presos a ela.

É através da percepção de identidade brasileira com o futebol que o governo Médici chama todos a cantarem “*Pra frente, Brasil! Salve a seleção*” como um hino de uma união de sucesso extremamente amigável. Além disso, aproveitasse de uma publicidade incrível: a Copa do Mundo de 70 é a primeira a ser transmitida pela televisão.

O momento que antevê o grande torneio mundial também aponta um projeto de atrelamento de imagem do governo ao futebol. Pelé, em pleno estádio Maracanã, marcou diante do Vasco seu milésimo gol. Dias depois, desfilou em carro aberto e foi recebido pelo presidente Médici, que lhe concedeu uma medalha de mérito nacional e título de comendador. Nos primeiros dias do ano de 1970, Médici assinou decreto que instituiu a Loteria Esportiva no país, dando outro passo político para sua repentina “amizade” com o esporte. A conquista da copa do Mundo foi um marco para o país como um todo, em sua representação social e política, principalmente para o governo de Médici, que instituiu feriado nacional para valorizar a recepção da seleção em Brasília:

“Consumada a vitória, o governo explorou o tricampeonato através de todas as formas possíveis, procurando potencializar o futebol como um fator capaz de promover a ‘unidade da diversidade’. Os responsáveis pela AERP não encontrariam maiores dificuldades para convencer as autoridades da importância do momento... Para os ligados mais diretamente ao governo, repetir o discurso oficial era fácil uma vez que bastava relacionar o desempenho da seleção ao momento de euforia econômica que se convencionou chamar de milagre”.
(AGOSTINHO, 2002)

O objetivo era criar a ponte para um pensamento tal como: a identidade nacional é o futebol. O governo apóia o futebol. Logo, governo é nosso amigo.

CONCLUSÃO

Contrariando as análises de Adorno e Franke (afirmando que o esporte institucionalizado não possui uma linguagem criadora de significados, que não pode “produzir algo ‘novo’, não pode, através da construção de um mundo próprio, ser revolucionário”), o futebol virou um fato social incontestável a partir do momento em que a influência ultrapassa somente o interesse de quem quer assisti-lo e chega à sala de dona Maria José, que não sabe o nome dos jogadores, mas vai ganhar folga do trabalho em dia de jogo da Copa do Mundo e assistir no seu canal de televisão favorito. Seu símbolo é real e revolucionário a partir do momento em que invade os contextos sociais e os modifica de forma quase totalitária no território brasileiro.

Percebe-se durante uma Copa do Mundo até mesmo a identificação com o outro, o bom humor para o convívio e o harmonioso compartilhamento de espaços. As pessoas se entendem como nação e estão a favor disso. O país como um todo é vencedor na coletividade. Para o indivíduo, o futebol provoca emoções e o liberta das convenções tradicionais. O comportamento como espectador do futebol não segue guia de etiqueta, nem reconhece doutrinas a seguir porque está diretamente ligado às emoções. Se assemelha a uma guerra onde o melhor vai vencer, jogando com as emoções do receptor – que ao mesmo tempo é parte do acontecimento - para algo que o representa mundialmente e simboliza sua bandeira pátria:

“Objeto que suscita paixões e discussões sempre acaloradas, por isso mesmo, ingenuamente classificado fora dos assuntos ditos sérios, o futebol é um elemento marcante da identidade brasileira. Ele é capaz de engendrar sentimentos completamente díspares: alegria – tristeza, amor – ódio, delírio –

desprezo, realização – fracasso, entre muitas outras possibilidades.” (BORGES, 2007)

É importante atentar para o fato de que a construção da identidade do Brasil se dá através de mais de um olhar. O olhar que temos de nós mesmos e olhar que os outros têm de nós. O primeiro olhar constrói a identidade pela busca de símbolos que estejam ligados à nossa existência. Se analisarmos as copas do mundo ocorridas até 1970, incluindo tal, é possível destacar a preeminência do Brasil, vencendo três copas e igualando-se à Alemanha. O Brasil figura como único país latino a vencer tal número de copas e, a partir disto, construir a definição de que possui o dom para essa atividade esportiva. Crescemos aprendendo que, se não somos os melhores, figuramos entre os grandes do futebol. Mas uma coisa é certa: o Brasil é o país do futebol.

A partir dos dados analisados, podemos perceber que a imagem do futebol ainda carrega detritos de percepções negativas sobre a nossa identidade. Isso se dá como conseqüência de momentos históricos, vide ditadura militar, período visto como triste no que diz respeito aos discursos formados sobre o futebol, associado à alienação. A construção desta realidade deu margem à relação do esporte como alienador do povo. A construção desse conceito pela imprensa é apenas um exemplo de que o Brasil pratica o triste vício de salientar suas mazelas muito mais do que seus sucessos. Precisamos de alguém que nos salve:

“... aos que sabem das respostas e já equacionaram os remédios para as nossas mazelas, horroriza qualquer sucesso coletivo, por isso acaba com a ideia de um Brasil que precisa de salvadores, consertadores e engenheiros sociais.” (DAMATTA, 2006)

O futebol como um meio burro e paralisante, para alguns ou de desenvolvimento para outros, não proporciona de modo algum uma dicotomia na

realidade atual, somente no nosso imaginário. Pois uma definição diz respeito a nossas impressões passadas, e delas o registro histórico de que o futebol seria o “ópio do povo”, fuga de problemas sociais e ostracismo diante dos problemas sociais; e a outra, perspectiva atual e, arriscaria dizer, futurística, propõe o futebol como engrenagem no que diz respeito ao que podemos construir em cima de nossa própria realidade. A paixão pode nos impulsionar a sermos melhores em outros setores da vida e não apenas no futebol. Podemos encarar o dia com bom humor e executar nossas atividades de forma muito mais proveitosa. Podemos despertar com ele o desejo de fazer parte da nação não somente como presença de quem nele se adapta. Lutar para não sermos apenas “objetos”, mas seres ativos: sujeitos da história (FREIRE, 1996).

REFERÊNCIAS

AGOSTINO, Gilberto. Vencer ou morrer: futebol, geopolítica e identidade nacional. Rio de Janeiro: FAPERJ: Mauad, 2002.

ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. “Com brasileiro, não há quem possa!”: Futebol e identidade Nacional em José Lins do Rêgo, Mario filho e Nelson Rodrigues. - São Paulo: Editora UNESP, 2004.

AQUINO, Rubim Santos Leão de. Futebol, uma paixão nacional. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2002

BORGES, Luiz Henrique de Azevêdo. Do complexo de vira-latas ao homem genial: futebol e identidade no Brasil. Revista Histórica do Arquivo Público do Estado de São Paulo, edição nº 24, agosto de 2007.

(http://www.historica.arquivoestado.sp.gov.br/materias/anteriores/edicao24/materia_02/)

BRACHT, Valter. Sociologia crítica do esporte: uma introdução. 2ª ed. Ijuí: Ed. Unijuí, 2003. coleção educação física.

DA MATTA, Roberto. A bola corre mais que os homens. Rio de Janeiro: Rocco, 2006.

HEIZER, Teixeira. O jogo bruto das copas do mundo, Rio de Janeiro: Mauad, 1997. Edição atualizada: 2001

XAVIER, Ismail. O olhar e a cena – Melodrama, Hollywood, Cinema Novo, Nelson Rodrigues. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

Site Jornal do Brasil: <http://www.jblog.com.br/hojenahistoria.php?itemid=26380>

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - UFRGS
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO**

**DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM JORNALISMO ESPORTIVO**

CAMILA KONRATH PEREIRA

**Pra Frente Brasil
Ditadura militar, identidade e Copa de 70**

Artigo acadêmico apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Jornalismo Esportivo, pela Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no ano de 2012.

Orientação: Prof. Dr. Arlei Damo

PORTO ALEGRE

2012